

RECONSTRUINDO TRAVESSIAS AMEFRICANAS: RELATO DE VIVÊNCIAS E APROXIMAÇÕES ENTRE BRASIL E CABO VERDE

Elisangela Andrade Angelo

Francimar Brito da Silva

Hiully Thainá Andrade Oliveira

INTRODUÇÃO: Amefricanidade é uma categoria político-cultural que considera elementos geográficos, históricos e culturais na construção de identidades étnicas. Tal termo foi proposto por Lélia Gonzalez, a fim de compreender as vivências e produções históricas de povos africanos em diáspora nas américas, reconhecendo que há similaridades nessas vivências (Gonzalez, 2020). Com base nesse conceito, o Ministério da Igualdade Racial do Brasil (MIR) promove trocas entre países do Sul Global para combater o racismo e fortalecer a Educação das/para as Relações Ético-Raciais (ERER), entre as ações, destacam-se intercâmbios de curta duração. O presente trabalho é fruto da edição Cabo Verde do intercâmbio Caminhos Amefricanos e tem por objetivo descrever a vivência e percepções de três intercambistas.

METODOLOGIA: O relato apresentado tem por base a observação direta com anotações em diário de campo, ocorrida durante o intercâmbio, cuja programação foi proposta pelo MIR em parceria com a Universidade de Cabo Verde. Foram assistidas palestras e mesas redondas na referida universidade. Além disso, a programação contou com visitas técnicas a várias instituições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: De forma semelhante ao Brasil, Cabo Verde é um país miscigenado, porém, com uma predominância maior de pessoas lidas pelos brasileiros como negras. Ressalta-se que tal leitura racial se difere de acordo com a condição social e histórica de cada país. Em conversa com cabo-verdianos, percebe-se que, para a maioria deles, pessoas negras são apenas aquelas de pele retinta (Tavares, 2024). Na fala de muitos caboverdianos que estudaram no Brasil fica marcante esta questão, de como muitos deles se viram como negros pela primeira vez ao virem para o Brasil. Esta vivência exemplifica os relatos do livro de Fanon (2008), no qual martinicanos negros assim se descobrem ao chegarem à França e, junto com esta descoberta, se deparam com a desumanização.

Nos debates, percebe-se que cabo-verdianos admitem a existência da xenofobia no país, mas não o racismo, e citam até a democracia racial, aos moldes de Gilberto Freyre. Entretanto, segundo Eufémia Rocha (2017), manifestações de racismo em Cabo Verde incluem xenofobia dirigida a africanos de pele retinta, evidenciando que, embora a Constituição garanta igualdade sem discriminação, a implementação prática dessa igualdade ainda enfrenta desafios, refletindo a complexidade das questões raciais no contexto social e educacional do país. Nota-se também a associação do branco à ascensão social: a expressão crioula cabo-verdiana “Djan branku dja”, por exemplo, refere-se à “tornar-se branco” à medida que se ascende socialmente, independente da cor (Tavares, 2024).

Outro ponto interessante no intercâmbio foi a expectativa de estudantes brasileiros na busca por uma África mítica. Fanon (2008) critica esta busca, vendo-a até mesmo como doentia, pois não lida com o real. Embora a busca por ancestralidade possa ser interessante na construção das subjetivações, deve-se lidar com a realidade de cada local e não com o imaginário construído sobre ele. Diante disso, houve uma quebra de expectativa de intercambistas, materializadas em falas como “mas eles não são tão africanos”, demonstrando um essencialismo ao lidar com a diversidade de culturas, povos e pessoas africanas no contexto de hoje.

Houve um encontro com o ex-presidente Pedro Pires, muito importante na luta pela independência de Cabo Verde. Segundo ele, há três grandes visões que os cabo-verdianos têm sobre o país e sobre si mesmos: os que se ainda se veem como portugueses, considerando que a independência de Cabo Verde foi recente (1975), e há aqueles que se veem como africanos, valorizando a herança do continente nas ilhas. Ele também cita a construção de uma identidade cabo-verdiana, que reconhece o processo histórico do país, ou seja, a influência portuguesa, mas também a africana, resultando em uma identidade nacional. Coadunando-se a Eliane Cavalleiro (2024), evidencia-se que a invisibilização das identidades racial e cultural e o distanciamento das questões raciais exigem ação consciente e conjunta entre escola, família e sociedade

Cabo Verde foi, durante séculos, ponto de passagem no tráfico de muitos africanos vindos de diversos países para serem escravizados no Brasil. Por isso, para as três intercambistas, que são negras, foi significativo refazer essa travessia de forma digna e descobrir o quão viva é a conexão afro-diaspórica, ou a amefricanidade, proposta pela intelectual Lélia Gonzalez.

Palavras-chave: amefricanidade; Cabo Verde; intercâmbio acadêmico.

REFERÊNCIAS:

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 7 ed. ver. e atual. São Paulo: Selo Negro, 2024, p. 113-131.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 191 p.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: __. Por um feminismo afro-latino americano. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2020.

ROCHA, Eufémia Vicente. O imigrante oeste-africano como o indesejável? acerca do processo de racialização em Cabo Verde. Mediações. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 105–129, 2017.

TAVARES, Manuel. **Um estudo da formação de professores para a educação das relações étnico-raciais em contexto brasileiro e cabo-verdiano**. [Entrevista cedida a] Francimar Brito da Silva. UNICV, 2024.

AGRADECIMENTOS: As autoras agradecem ao Ministério da Igualdade Racial pela oportunidade de realização do intercâmbio que possibilitou a escrita deste relato.